

Papangu como híbrido: trajetória entre a procissão e o bumba-meu-boi *

Eliana Maria de Queiroz Ramos **, Betânia Maciel ***

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo

Neste artigo, é nosso objetivo estudar a trajetória do papangu de Bezerros, espécie de mascarado e uma brincadeira do carnaval que tem se destacado na mídia. O uso folk-comunicacional do papangu projeta o turismo cultural em Bezerros (PE). Sua origem é controversa, sagrada, como farricocoi, espécie de mascarado que saía à Frente das Procissões de Cinzas, que teria sido proibido e retornado como brincante no carnaval, e também possivelmente seria uma herança do bumba-meu-boi no carnaval e/ou laursa, dele se desgarrando como persona.

*Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho de Folkcomunicação do XI Ibercom Ú Associação Ibero-americana de Comunicação.

**Mestranda do Posmex/UFRPE, jornalista e gestora em turismo cultural.

***Orientadora deste artigo, Doutora em Comunicação e professora /pesquisadora do Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE

Resumen

Este trabajo se dedica al estudio de la trayectoria del ŞpapanguŤ de la ciudad de Bezerros, en Pernambuco, tipo de enmascarado y manifestación de carnaval que encuentra destaque en los media. El uso folk-comunicacional del ŞpapanguŤ proyecta el turismo cultural de la ciudad. Su origen genera controversias: sagrada, como ŞfarricocoŤ, enmascarado que acompañaba las procesiones de penitencia tocando trompeta eventualmente y cuya participación se habría prohibido, dando lugar a su aparición en las fiestas de carnaval; o quizás una herencia del Şbumba-meu-boiŤ y/o la ŞlaúrsaŤ de carnaval, de ahí desgarrándose como persona.

Ao analisar a origem do papangu de Bezerros, em Pernambuco, no Brasil, uma brincadeira do carnaval, cujo uso folkcomunicacional projeta o turismo cultural desta cidade, tenta-se aqui fazer uma possível articulação entre o híbrido papangu e sua provável origem no reisado, bumba-meu-boi e/ou la ursa pelas lentes da Teoria da Folkcomunicação, de autoria do pernambucano Luiz Beltrão, como Şo processo de intercâmbio de informações e manifestação de

opiniões, idéias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore (BELTRÃO, 2002: p.79). Turisticamente, a cidade de Bezerros é simbolizada pela persona Papangu e a partir da sua divulgação na mídia surgem artigos de souvenir, máscaras, camisetas, chaveiros, porta-retratos, pinturas em telas, todos com a cara da Cidade, ou seja, do papangu. Tudo traduzido como emblema turístico do simbolismo Papangu. (ANDRADE, 2004, p.56).

Isto nada mais é do que folkmarketing, uma modalidade comunicacional no segmento da indústria massiva, onde as festas populares convertem-se em

conteúdo midiático de natureza mercadológica e institucional, via apropriação do universo simbólico da festividade, como estratégia comunicacional, pela empresas que são parceiras/gestoras e patrocinadoras dos eventos culturais. (LUCENA FILHO, 2007).

A cidade de Bezerros, no Agreste pernambucano, microrregião do Vale do Ipojuca, tem se destacado dentro do turismo cultural, inclusive em nível nacional, como Terra dos Papangus. O papangu é uma brincadeira de carnaval, onde mascarados invadem as casas para pedir angu. A partir de 1990, através da folkcomunicação, a Folia de Papangu atraiu o interesse da mídia, que passou a divulgá-la. Por sua vez, a divulgação fez com que o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) (1994 a 2002) começasse a incentivar a implantação de políticas públicas para desenvolvimento local do município, que atualmente vem sendo mantida pelo Programa de Regionalização do Turismo,

através do Sistema de Rotas. Bezerros fica na Rota Luiz Gonzaga, que percorre o entorno da BR- 232, compreendendo municípios da Zona da Mata e do Agreste. O município localiza-se a 107 Km do Recife, na mesorregião agreste pernambucana e microrregião do Vale do Ipojuca, limita-se ao Norte: com os municípios de Cumaru e Passira; ao Sul: com São Joaquim do Monte e Agrestina; a Leste: com Gravatá, Sairé e Camocim de São Félix; e a Oeste: com Riacho das Almas e Caruaru. O acesso é pela rodovia BR-232. A área do município é de 545,7 quilômetros quadrados. A população residente é de 57.371 habitantes, o clima é semi-árido. Segundo Beltrão (2002, p.223), *“O carnaval e a música popular refletem vigorosamente a opinião das classes menos cultas e desfavorecidas da população. O autor lembra que o carnaval brasileiro pode ser olhado como um grandioso espetáculo de massa, por isso se constitui, na mais vigorosa oportunidade de manifestação da opinião coletiva. [...] A brincadeira do papangu consiste na ida dos mascarados à casa de amigos e parentes dos brincantes para chacotear os donos da casa e receber comida, moedas, bebidas alcoólicas ou água. Já desde os primeiros anos do século passado, tanto na cidade quanto na zona rural de Bezerros. De acordo com Cascudo, no Dicionário do Folclore Brasileiro, o termo papangu vem de uma espécie grosseira, assim apelidada, e que à espécie de farricoco tomava parte nas extintas procissões de cinzas, caminhando a sua frente, armado de um comprido relho (chicote de couro torcido), com que ia fustigando o pessoal que impedia sua marcha. Para Cascudo (1988) apud Brayner (1997) o povo chama aos três dias de folia o Tempo dos Papangus. Araújo (1996) apud Brayner (1997) relata que al-*

gumas das procissões de cinzas mais divertidas e burlescas, realizadas no séc.XVIII até meados do séc.XIX, traziam a popular figura do papangu, máscara representando a morte. Amaral (F. P. do. 1974: p.186), descreve assim a procissão de cinza, onde o papa-angu, relhava a torto e a direito, mas levava muitas pitombadas na cabeça. O papangu que puxava as procissões religiosas começou a ser questionado, até que, em 1831, foi proibido. Depois desta proibição, o termo papangu passou a denominar tudo que fosse agressivo, grosseiro. Mas há ainda quem acredite numa origem negra do papangu, pois também os cucumbis saíam mascarados. De acordo com Brayner (1997),

Antônio Azevedo, antigo morador de Bezerros, atualmente falecido, contou certa vez que ouviu seu pai dizer que o papangu já existia em Bezerros desde a época da Lei do Ventre Livre, século XIX. Naquela época, os filhos de escravos se fantasiavam de papangu com o interesse de ter contato com as senhoras de escravos, encobertos pela máscara, elas podiam apertar-lhes a mão.

Tal informação, de certa forma, vem ao encontro do que diz Lopes (2004), em sua Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, no verbete Papangu: "Tipo de mascarado, no carnaval ou nos reisados nordestinos. Em algumas partes do Brasil, dava-se o apelido de Spapa-angu ao negro cativo porque se alimentava quase unicamente de angu e feijão". Segundo Benjamin (2007),

A política de catequese da Igreja Católica é a única religião permitida no período colonial. Ela determinou um ciclo de festas que proliferou por todo o País. [...]

Estas ocasiões tornaram-se oportunidade para que aos aspectos puramente católicos fossem incorporadas manifestações das religiões africanas das etnias de onde os escravos procediam.

Para Cascudo (2001), a careta é a primeira arma defensiva infantil com a finalidade de afastar o inimigo, a careta criou a máscara. [...] A personagem careta remonta ainda a Mateus, do reisado, mas também está associado ao boi, à cantiga de ninar, que diz: boi, boi, boi, boi da cara preta, vem pegar fulano que tem medo de careta. O pesquisador Benjamin (2004:p. 120) destaca que o urso está presente na cultura brasileira, embora não haja registro de sua ocorrência na fauna silvestre [...]. Esta presença faz parte do imaginário popular de europeus aqui chegados desde os primórdios da colonização. Também relata que no século XIX, vários imigrantes italianos vieram para o Brasil, entre eles alguns ciganos que dominavam as artes circenses. Eles saíam com seus ursos e macacos.

Essas apresentações, que se faziam de cidade em cidade, muito impressionaram o povo nordestino e popularizaram a imagem do urso, até então somente conhecida através de referências orais. Registros relativos a apresentações de folguedos populares, variantes do bumba-meu-boi, dão conta da existência de um entremeio do urso.(BENJAMIN, 2004, p.123,124)

Segundo Real (1967, p.122), um urso de carnaval, na sua forma mais simples, consiste de dois homens, um vestido de urso e o outro, o domador, também chamado de italiano. Frequentemente aparece uma terceira

figura, o caçador, um tipo de folião ou palhaço, que conduz uma velha espingarda e dá tiros cada vez que parece que o urso vai escapar [...] Segundo a pesquisadora, pode haver também um arrecadador. Real (1967, p.124) vê na figura dos ursos dos divertimentos dos menestréis e jongleurs, sempre presentes às feiras e festivais em vilas e aldeias européias, na Idade Média, o ancestral mais próximo do urso pernambucano. Para ela, entre os jongleurs, havia os que conduziam ursos, e um deles ou palhaço lutava uma luta livre com o urso para atrair mais espectadores. Pereira da Costa apud Real (1967, p.126) afirma que a dança do urso está incluída entre as danças africanas lascivas e que havia um caçador de espingarda que brincava ao redor dos dançarinos e afugentava os espectadores, especialmente as moças! Também Cunha (1948) apud Real (1967, p. 126) fala do urso como influência européia num carnaval afro-indígena. Apesar de o urso ter vindo da Itália, Real (1967, p.127) afirma que duas correntes se ligaram para produzir o urso atual. Os italianos vieram apenas reforçar uma tradição já existente, que foi reinterpretada. Ou seja, no Boi-de-Mamão de Santa Catarina aparece o urso. Brandão (1961) apud Real (1967, p. 127), na sua exposição sobre o Bumba-meu-boi no Brasil inclui o urso entre os bichos que aparecem no boi, no reisado alagoano e no cavalo-marinho. Brayner (1997), nos relata que

Em Bezerros [...]os papangus saíam em troças pelas casas, pelo meio da rua, pedindo dinheiro, no meio saía o urso vestido de samambaia, levavam sanfona, reco-reco, pandeiro, triângulo, ainda, pela sua descrição deduz-se que o papangu

fazia o papel de arrecadador, pois segundo Dedinho levava consigo (o papangu) um livro onde simultavam as pessoas escrevendo seus nomes no livro, era uma forma de ganhar dinheiro.

Ainda segundo relata Cunha (1948) apud Benjamin (2004, p. 124), há registros em 1948 da ocorrência de um folguedo de carnaval, conhecido como laursa ou urso como suma influência européia num carnaval afro indígena, levantando uma hipótese de sua origem entre artífices italianos que na época colonial haviam trabalhado nos engenhos de açúcar de Pernambuco. [...]

Andrade (2004:p.67), cita que

Faz 52 anos que J. Borges brinca o carnaval em Bezerros, começou aos oito anos e nunca mais parou. Lembra que, em 1959, o destaque maior do carnaval ainda não era o papangu, era o boi. [...] Outra lembrança era a quantidade de urso que existia em Bezerros [...]. Acompanhavam o urso, a sanfona, a zabumba e o triângulo. Os bois eram também bonitos, o mais vibrante era o estrela, conhecido também como o Boi do Tatá. [...] Embora menos frequente, ainda é possível ver o boi e o urso por lá. (ANDRADE 2004,p.69,70)

Segundo a professora de Geografia, especialista em Ensino da Geografia e História de Pernambuco, Patrícia Brayner, o artista popular bezerrense J. Borges acredita que possivelmente o papangu tenha surgido como uma dissidência do cavalo-marinho. Nesse ponto concorda o também artista popular mestre Salustiano, que fala do papangu como se ele fosse uma figura extraída do cavalo-marinho e com o tempo as variações aconteceram como é de costume quando se fala

em manifestações populares. (BRAYNER, 1997) Brayner destaca que, ultimamente, com a notoriedade crescente do papangu, percebe-se em Bezerros a volta do boi como brincante do carnaval (informação verbal). Como o cavalo-marinho é proveniente do reisado e este do bumba-meu-boi, é possível que a persona papangu tenha tido origem no bumba-meu-boi. Segundo Torres e Cavalcante (2007), São Brasil, as tradições populares do ciclo natalino, baseadas nos costumes religiosos ibéricos, são designadas por reisados. Cascudo apud Torres e Cavalcante (2007) relata que:

[...]dentro do ciclo natalino, existem manifestações que, apesar de serem habitualmente chamadas de Reisados, não possuem a temática dos Reis Magos e do Menino Jesus, o que não impossibilita a participação desses grupos nas Festas de Santos Reis.

À partir do Natal, durante 12 dias até 6 de janeiro, o Alferes da Folia de Reis, chefe dos foliões, bate à porta das casas, de manhãzinha, seguido dos palhaços do Reisado e de seus instrumentos barulhentos. Vai despertar quem está dormindo, pedir permissão para entrar, tomar café e recolher dinheiro para a Folia de Reis, uma festa popular de origem portuguesa que ainda sobrevive em cidades brasileiras. Estes grupos de Reis entram nas casas, cantam à saúde e pedem a proteção de seus moradores, desejam o melhor para todos, através de bênçãos, recebendo, em contrapartida, donativos (dinheiro, mantimentos, entre outros). Torres e Cavalcante (2007) percebem que

[...] As Festas de Santos Reis contam com grande envolvimento da co-

munidade. Os moradores/devotos incentivam os Grupos de Reis, ajudando como podem. Muitas famílias fazem questão de recebê-los em suas casas, oferecendo lanches para os integrantes.

Esta ida de casa em casa com oferta de lanches lembra muito a ida do papangu de Bezerros atrás de alimento. A Festa dos Reis comemora o nascimento de Cristo. Seu enredo lembra a viagem que os três reis magos - Baltazar, Belchior e Gaspar - fizeram a Belém para encontrar o Menino Jesus. Os palhaços, vestidos a caráter e cobertos por máscaras, representam os soldados do rei Herodes, em Jerusalém. Com relação a isso, há ainda o fato curioso da figura do farricco representar a guarda romana e os homens que abrem os rituais de execução de penitência nas Procissões de cinzas. O Bumba-meu-boi é uma das principais manifestações culturais brasileiras. Este auto (teatro popular) relata a história de Pai Francisco e Mãe Catirina, retirantes negros. Por influência da tradição portuguesa - as vaquejadas e as touradas -, o enredo básico se desenvolve a partir do roubo de uma novilha de predileção da fazenda, mas ganha cores locais de região para região. Segundo Beltrão (p.229), o bumba-meu-boi é o auto popular de mais ampla divulgação no Brasil, foi o instrumento de luta do escravo pela sua libertação. Cascudo (p.437) afirma que o bumba-meu-boi,

é um auto popular formado no norte do Brasil, da Bahia para cima, pela reunião de vários reisados tradicionais, ao redor da dança do Boi, possível reminiscência das Tourinhas de Portugal.[...] Bumba é do congolês, significando pancada,

golpe, batida. Bumba-meu-boi será um hibridismo, bate, meu boi! Relativamente às chifradas e arremessos.

Beltrão (2001, p. 233) relata que *Š*[...] o bumba-meu-boi é rico em simbolismo, em sátira, em provocação ou condenação social. Por isso, o auto varia de lugar para lugar.[...] Beltrão (2002:p. 231) apud Clóvis Melo, jornalista e estudioso do nosso folclore, lembra que os primeiros bumba-meu-bois devem datar do século XVIII e que a versão pernambucana é, precisamente, do século XIX,

Apreciando a possível origem do bumba-meu-boi, o poeta e ensaísta pernambucano (Ascenso Ferreira), à base de pesquisas realizadas em companhia do pintor Lula Cardoso Ayres, lança a idéia de que *Š*a história primitiva do bailado gira em torno de capitães-mores, enviados pela Corte de Portugal para tomar contas das feitorias do Brasil. (BELTRÃO, 2002, p 231, 233)

Segundo ainda Beltrão (2001, p.239), personagens e seqüências do bumba-meu-boi encaram pessoas e refletem episódios da vida real. Às vezes, esses personagens ficam integrando o auto, são transportados para outras regiões, *Š*stornando-se lendárias, irreconhecíveis na sua verdadeira significação*Š*. [...]

Cascudo (1978: p.440) afirma que não há ligação entre as representações do boi ou do touro e as cerimônias protocolares dos reis africanos. E o dá

como centro de interesse vindo das Tourinhas [...] Não há outro exemplo do boi saltando, o boi cômico e entregue ao povo, senão nas Tourinhas portuguesas. No

Brasil, se a Tourinha não chegou a pular, viveu na lembrança dos minhotos e ribajetanos. O processo aquisitivo do auto, assimilando os reisados, dar-se-ia no correr dos últimos anos do século XVI-II, inteiramente escuro pela ausência de pesquisas etnográficas, e as primeiras décadas do século imediato. (CASCUDO, 1978, p.441),

Cascudo (1978, p.442), confirma que: *Š*O bumba-meu-boi é trabalho mestiço, imaginação, malícia congênita do mulato. [...] O brasileiro, em alegria, sátira, sentimentalismo, piedade, justiça e arbítrio, samba e oração, está no bumba-meu-boi*Š*. E lembra que a mais antiga menção ao bumba-meu-boi encontra-se num mal-humorado registro do padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, no Carapuceiro, janeiro de 1840, no Recife:

De quantos recreios, folganças e desenfadados populares há neste nosso Pernambuco, eu não conheço um tão tolo, tão estúpido e destituído de graça, como o aliás bem conhecido bumba-meu-boi. [...] Todo o divertimento cifra-se em o dono de toda esta súcia fazer dançar, ao som das violas, pandeiros e de uma infernal berraria, o tal bêbado Mateus, a Burrinha, a Caipora e o Boi, que com efeito é o animal muito ligeirinho, trêfego e bailarino. [...] mas de certos anos para cá [...] aparece um sujeito vestido de clérigo, e algumas vezes de roquete e estola, para servir de bobo da função. (GAMA 1840 apud CASCUDO, 1978, p.443)

Este roquete lembra a tabica que o papangu usava antigamente durante o carnaval conforme cita Brayner (1997). *Š*[...] o papangu usava a tabica, para livrar-se de possíveis

pedradas a serem recebidas por crianças. Cascudo destaca que Amadeu Amaral Júnior cita a presença, no bumba-meu-boi, de alma, dois caretas e um urso, entre outros. E também que Jaime Lopes Dias em *Festas e Divertimentos da Cidade de Lisboa*, de 1940, cita figuras de

[...] *fantasmas, diabo, gigantes, bichos fabulosos da fauna ameríndia, caiporas. E o grupo sério e louvador, Damas e Galantes, nomes de figurantes na procissão portuguesa de São Corpus Christi*. O auto, nascido nas fazendas e pátios dos engenhos de açúcar, não pastoreia comportaria personagens que vivem nas vilas e cidades [...] (CASCUDO, 1978, p. 447)

Segundo Brayner (1997),

os bois e cavalos-marinhos também fizeram parte do ciclo carnavalesco em Bezerros, entretanto no carnaval bezerrense [...] apenas dois personagens dessa manifestação, o boi e a burrica.

Para Amorim (2008), nas primeiras festas de rua,

aos autos hieráticos ou catequéticos, organizados pelos jesuítas, com o fim de cristianizar os índios, misturaram-se às festas públicas do período colonial e do Império, aos costumes de negros, europeus e indígenas. A partir da manifestação carnavalesca do entrudo, das mascaradas e de tantos outros folguedos populares dos ciclos festivos, a nossa festa momesca se multiplicou e diversificou tanto que hoje o carnaval pernambucano oferece um dos mais ricos conjuntos de manifestações folclóricas durante os dias dedicados a Momo. Personagens, vestuário, cenários das procissões

e cortejos oficiais dos tempos coloniais e do Império transferiram-se para as festividades de carnaval [...].

A careta é, popularmente, o grande recurso cômico, provocador da hilaridade. É a técnica dos Birico, Mateus e Catirina dos Bumba-meu-Bois, assim como o Velho ou o Bedegueba em certos Pastoris. Nos antigos bumba-meu-bois, havia um companheiro do vaqueiro Birico, o Lalaia, famoso pelas caretas inesgotáveis, destinadas ao público miúdo do folguedo. Segundo Cascudo (2001), no *Dicionário do folclore brasileiro*, verbete bumba-meu-boi,

está uma exposição que julgo suficiente de como o auto se formou e veio vivendo, pela assimilação incessante de temas vitais de outros autos mais permeáveis, incorporando damas e galantes que bailavam nas procissões do Corpo de Deus em Portugal, fazendo surgir os vaqueiros negros, Birico ou Fidélis, e Mateus, centros de comicidade plebéia. [...] Quando reaparece o Cavalo-Marinho, espécie de centauro, cavalo da cintura para baixo, tratado por Capitão! e dando ordens, já se sabe que é o velho auto pernambucano, ainda autônomo, mas agregado ao bumba-meu-boi.[...]

ãVale lembrar que o município de Bezerros está ligado a uma fazenda de gado. A origem do povoado de Bezerros remonta ao ano de 1740 e à distribuição das terras em sesmarias pelo governo como recompensa aos que tomaram parte na guerra contra os holandeses (MELO e SILVA, 2002). Um senhor Brayner, que vivia no Recife, teria adquirido as terras e instalado ali uma fazenda e um curral (MELO E SILVA, 2002) e

as teria desmembrado em duas e vendido a dois irmãos: Taciano e Zenóbio Torres, que as teriam revendido aos irmãos José e Francisco Bezerra. Um dos filhos desta família teria se perdido nos matos. Então, foi feita uma promessa para São José. Após a criança ter sido encontrada, ergue-se uma capela em homenagem ao Santo, que ficou como padroeiro do local, ascendido à condição de município em 1870 (SOTERO, 2001) . Em torno dela, teria se formado a cidade, que até hoje se destaca na agropecuária. Então, a figura do vaqueiro e do negro estão interligadas, bem como a forte presença da religiosidade. Concordando com Benjamin (2004, p.139)

rituais folguedos e danças são manifestações folclóricas e, como tais, são de natureza comunitária. Em alguns casos, se constituíram pela vivência de populações de diversas origens étnicas que trouxeram as matrizes dos seus lugares de origens. Outras, foram resultado de hibridização destas heranças e da criatividade popular. Mas, um grande número ũ sobretudo de rituais ũ decorreram da folclorização de propostas paralitúrgicas da catequese católica. O bumba-meu-boi é um auto tradicionalmente ligado ao Natal, Ano-Novo e Reis (e às vezes, São João) no carnaval Recifense. Mas sabe-se que ele é ainda um entremeio daquele auto mestre, o Reisado, implantado no Brasil pelos padres católicos ou pelos colonizadores portugueses. E como entremeio desse auto muito mais amplo e complexo, era lógico que podia desligar-se da tradição maior (o Reisado), tornar-se independente e brincar solto não somente no Natal como também no carnaval.

Ora este ponto é importante para explicar a presença de bois, burras, cavalos-marinhos, mortos carregando os vivos, ursos e várias outras figuras provenientes dos entremeios do reisado, como folguedos separados no carnaval do Recife. (REAL, 1967: p.134)

Conclusão

Com a cultura, a reinterpretação e criatividade dos pernambucanos, várias misturas e cruzamentos foram feitas, dando margem a um carnaval multicultural que ganha espaço na mídia. Há, pois, a possibilidade de a *persona* híbrida papangu, proveniente da procissão de cinzas ter se mesclado com o bumba-meu-boi, originariamente um folguedo surgido a partir do reisado natalino de influência européia, e ter sofrido influências de folguedos tanto das raças indígena e negra, e entre o sagrado e o profano, distinguindo-se dos demais personagens, transformando-se neste brincante atual. Sabe-se que o bumba-meu-boi é um auto que está ligado aos vaqueiros negros e que tem um lado cômico, de brincadeira, de inversão da ordem, onde o negro passa a ditar as regras. Por sua vez, como há registros também da laursa, em Bezerras, acompanhada da figura do papangu como arrecadador, é também possível que a *persona* papangu tenha recebido influência daquela brincadeira em sua formação híbrida, num processo de aculturação e reinterpretação das figuras populares do boi e do urso. Encerramos este artigo concordando com Hohfeldt (2002), ao lembrar que atualmente, a nova abrangência da Folkcomunicação compreende os procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expan-

dem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. O papangu é hoje um híbrido que projeta o turismo cultural em Pernambuco e ganha destaque na mídia, ganhando a cada dia novas cores e expressões, portanto sugere novas pesquisas que contribuam para discussão e melhor relacionamento da origem do termo dentro dos meios de comunicação. Papangu é um folião que circula pelas ruas da cidade, totalmente fantasiado, e se diverte pregando susto nas pessoas, principalmente as crianças. N.R. encapuzado que acompanhava as procissões de penitência tocando trombeta de vez em quando. . Odílio da Cunha, Ursos e Maracatus, Contraponto, Ano II, No. 7, março de 1948 Théo Brandão, Um auto Popular brasileiro nas Alagoas. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, no. 10, Recife, 1961, pgs. 93-136. Veja especialmente pgs. 96-98 . A informação foi prestada à autora, no carnaval de 2008, em Bezerros, durante pesquisa de campo.

Referências

- AMARAL, Francisco Pacífico do. Escavações. Fatos da história de Pernambuco. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974
- AMORIM, Maria Alice, Festas carnavalescas. Salto para o Futuro. Aprender e ensinar nas festas populares. TV _Escola SEED MEC Boletim 02, Rio, abril 2007. ISSN 1518-3117. Disponível em www.tvebrasil.com.br/salto. Acessado em 19.07.2008
- ANDRADE, Delma Santos de. Dinâmica Simbólica e Turismo, Bezerros (PE). Dissertação de Mestrado em antropologia. Brasília:UnB, 2004.
- BELTRÃO, Luís. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 266p.
- BENJAMIN, Roberto. Festas da Afrodescendência. Salto para o Futuro. Aprender e ensinar nas festas populares. TV _Escola , Boletim 02, abril 2007. ISSN 1518-3117. Disponível em www.tvebrasil.com.br/salto. Rio, TV _Escola SEED MEC Abril 2007>.Acessado em 19.07.2008
- Folkcomunicação na sociedade contemporânea, João Pessoa: Comissão Gaúcha de Folclore,; 2004.ã
- BRAYNER, Patrícia Verônica de Azevedo. Papangu, mascarado, bloco carnavalesco e brincadeiras. Monografia de especialização em História de Pernambuco. Orientador Antônio Paulo Rezende Recife: UFPE, 1997
- A Praça da Matriz como palco da Folia de Papangu e das manifestações populares de Bezerros. Monografia de especialização no Ensino de Geografia. orientador Heleniza Ávila Campos. Caruaru: Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Caruaru, 1999.
- Alegria, cores e segredos nos papangus de Bezerros. E ainda Os Cordéis e Xilogravuras em J. Borges. Turismo Sertanejo. Disponível em

- www.turismosertanejo.com.br/index.php?target=coisa&id=69. Acesso em 02.12.06
- BORBA Filho, Hermilo. Bumba-meu-boi. Estudos Avançados ISSN 0103-4014, vol.11 no.29, São Paulo: Jan./Apr. 1997, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000100012&script=sci_arttext&tlng=en. Acessado em 27.07.2008
- CASCUDO Luís da Câmara. Literatura Oral no Brasil. 2ª. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: INL, 1978 (coleção Documentos Brasileiros: v. 186)
- Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª. ed. São Paulo: Global, 2001
- Folguedos do ciclo do natal. Folclore do Brasil. In: Jangada Brasil Imaginário. Janeiro 2001 Ano III - nº 29 Disponível em <http://jangadabrasil.com.br> . Acessado em 19.07.2008
- Caretas. Superstições e costumes. Jangada Brasil. Ano III - nº 38 Out.2001 Disponível em <http://www.jangadabrasil.com.br/outubro38/pa38100R.html>. Acessado em 19.07.2008.
- HOHLFEDT, Antonio. Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. PCLA - Volume 4 - número 2: janeiro / fevereiro / março 2003 Comunicação apresentada no Núcleo de Pesquisas sobre Folkcomunicação, no âmbito da XXV Intercom, Salvador, 1 a 5 de setembro de 2002 . Disponível em www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.htm. Acessado em 11.08.07
- LUCENA FILHO, S.A. de. A festa junina em Campina Grande ÚPB: uma estratégia de Folkmarketing. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2007.
- LOPES, Nei. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. São Paulo: Summus Editorial, 2004
- MELO E SILVA, Signe Dayse Castro de. Turismo e Desenvolvimento em Bezerros Ú Pernambuco: a expansão da educação turística numa perspectiva de resgate da cidadania. Dissertação de mestrado em Gestão e Política Ambiental. Recife: UFPE, 2002
- MORAIS FILHO, Melo. Festas e Tradições Populares do Brasil Rio de Janeiro; Ediouro, 1985. N. M. especial Páscoa. Disponível em <http://www.novomilenio.inf.br/festas/pascoa14.htm>, acessado em 20.12.2006
- REAL, Katarina. O folclore no Carnaval de Recife. Coleção Folclore Brasileiro. Vol.1 Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura, 1967.
- SETTE, Mário. Semana Santa de Outrora. Jangada Brasil, Palhoça, Maxambombas e Maracatus. Ano III - nº 36, Agosto 2001. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/abril20/pa20040b.htm> Acessado em 02.02.2006

SOTERO, Macyra Régia. O Modelo de cidades saudáveis: um estudo sobre estrutura, desempenho e viabilidade política na administração municipal de Bezerros. Dissertação de Mestrado profissionalizante em Gestão Pública para o desenvolvimento do Nordeste. Recife: UFPE, 2001

TORRES, Beatriz Lúcia;CAVALCANTE, Raphael. Festa de Santos Reis. Salto para o Futuro. Aprender e ensinar nas festas populares. TV _Escola SEED MEC Boletim 02, abril 2007. ISSN 1518-3117. Disponível em www.tvebrasil.com.br/salto. Rio,Abril 2007>.Acessado em 19.07.2008